

Vou rifar meu coração, dirigido pela estreante Ana Rieper, encerra hoje a mostra competitiva, com a participação de cantores como Wando, Amado Batista e Agnaldo Timóteo

Para rimar amor e dor

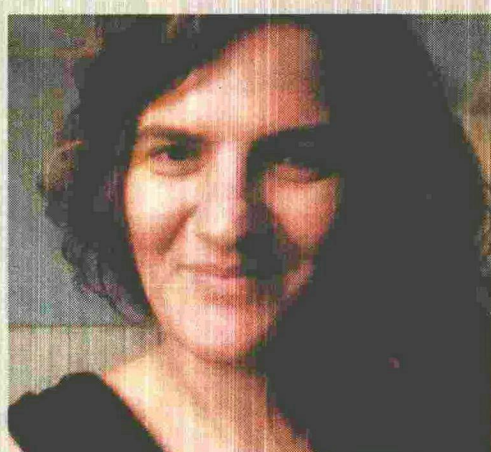
» RICARDO DAEHN

"N"ão é um filme sobre a história da canção brega nem um documentário a respeito de dado momento da música popular brasileira. É um filme sobre o amor", define a estreante Ana Rieper, quando fala de *Vou rifar meu coração*, atração de hoje no 44º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Formada em geografia, cinema e antropologia, a cineasta tem instrumentos de sobra para desvendar cartografia que explane a paixão de brasileiros que, religiosamente, se convertem aos sucessos defendidos por Waldick Soriano, Nelson Ned, Reginaldo Rossi e Peninha, entre dezenas de outros, ainda que em embalagens distantes da unanimidade. Se não alcança muito da classe média, isso pouco importa para Ana Rieper. "Meu objetivo com o filme não é promover ou resgatar, ou reabilitar essas músicas diante do público A ou B. Quero apresentar o que de mais profundo vejo nelas", adianta.

"Gosto de música boa, o que é um conceito discutível", diverte-se a diretora, enquanto lista a predileção por letras românticas, samba antigo, funk e jazz. "Para atingir o gosto de uma pessoa que vai além do som, a música passa por uma comunicação que é individual, com acesso direto aos sentimentos", pontua.

Anônimos que, de fato, vivem histórias de amor presentes em músicas e valores que motivam artistas nas criações são o ponto de partida para o longa-metragem. "O combustível para os intérpretes é a própria história deles. No fim do filme, Agnaldo Timóteo sintetiza: 'Todas as músicas que fiz falam da minha vida, sobre a minha cama e sobre os meus sofrimentos. Por isso, eu me comunico tão bem com as pessoas'", destaca Rieper.

De presença eloquente e com vivacidade, Timóteo se tornou figura "muito especial" para a cineasta. "Ele tem um disco chamado *Os brutos também amam*, e acho que ele é esse personagem: tem arroubos de violência verbal, com postura de machão, mas as músicas



A diretora Ana Rieper: "Quero apresentar o que de mais profundo vejo nessas músicas"

são sentimentais demais e ele sofre muito, pela poesia e pela honestidade", detecta. Mesmo que não esteja balizado pela tristeza ("O filme tem muito humor, equilibrando profundidade, deboche e descaramento das pessoas"), *Vou rifar meu coração* aposta, por vezes, em elementos severos.

Músicas como *Mulher de cabaré* e *Luz negra* (ambas de Roberto Muller) e *Vou tirar você desse lugar* (de Odair José) ilustram, a exemplo do que verbaliza Lindomar Castilho ("A nossa música é música de cabaré"), o trânsito do cancionista nas casas de luz vermelha. "O erotismo que registramos está totalmente associado a situações românticas. É um assunto muito presente no que toca o amor carnal, tramas de abandono e transas de uma noite", conta a diretora.

Chacotas

Traição, inevitavelmente, é tema-chave para o filme. Não pesa tanto, porém, a galhofa associada aos "cornos", dos quais Alves Correa, o radialista de Arapiraca (interior de Alagoas), é porta-voz. Nos 5 mil quilômetros percorridos para as filmagens de quatro semanas (por Sergipe,

Alagoas e Pernambuco, em especial, além de Rio de Janeiro, São Paulo e Goiânia), a equipe de Ana Rieper desconstruiu as chacotas feitas pelos colegas do frentista Maguila (perto de Aracaju), um dos personagens com dores de amores.

"Diante da dimensão sentimental do amor dedicado à mulher que o abandonou, adotar o termo cornudo para Maguila seria empobrecer e preconceituoso. Ele tem um discurso tão bonito que saiu imediatamente da categoria", afirma a diretora do filme, feito em suporte digital a partir de R\$ 700 mil.

"Delicada e feminina", a travesti Marquise, moradora do povoado Pedra Branca (a 100km de Aracaju), também desbancou preconceitos. "Ela tem uma vida intensa, com mergulho na opção amorosa que lhe custou muito. Me chamou a atenção a coragem, como assumiu a urgência da condição homossexual num ambiente extremamente conservador, em que isso não é aceito, oficialmente", avalia.

Se nos anos 1970 — quando Wando, Amado Batista e Diana venderam milhões de discos —, a cineasta crê ter existido "um grande movimento da indústria cultural que valorizou a música brega", a conjuntura atual se distingue. "Ao longo dos últimos 40 anos, a música brega permaneceu no gosto popular, a despeito dos investimentos da indústria cultural", diz Rieper. Caso gritante está na difusão do "brega novo" que invadiu Recife e se desenha no filme.

Vou rifar meu coração, um projeto acalentado por 10 anos, deriva (em muito) do interesse da carioca de 36 anos por ações sociais (ela atuou em ONG no interior sergipano, por quatro anos) e de seleção "etnográfica" em torno dos temas recorrentes do playlist tachado de brega. Reconhecida pela condução do programa *Afinando a língua* (Canal Futura) e, no restrito circuito de cinema ambiental, pela direção do longa *Na veia do rio*, Ana Rieper se anima com a entrada na vitrine "autoral" associada ao Festival de Brasília. Na manga, traz a cartada de exaltar uma produção orientada pela "arte que vai aonde o povo realmente está".

CURTAS DA NOITE

Rái sossai (SP, 10min, animação)

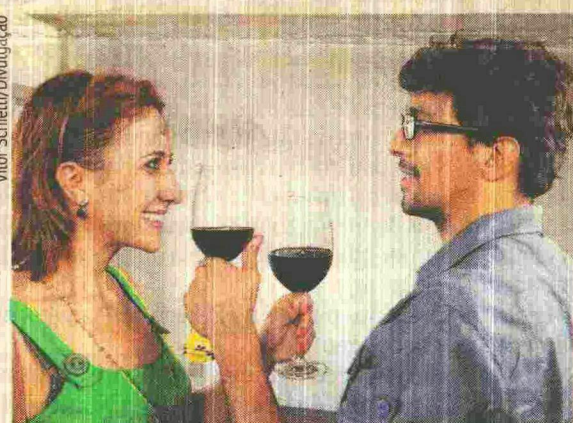
Assinando com o singelo pseudônimo de Thomate, o artista nascido há 33 anos em Ribeirão Preto (SP), há 12 anos no ramo da animação, investe na representação dos melhores momentos brotados do programa de glória social para os entrevistados do misterioso Atail Menezes.

Ciclo (DF, 3min40, animação)

De Lucas Marques Sampaio. Na primeira animação do diretor, ainda estudante de artes plásticas na Universidade de Brasília, está o conceito de ciclos: "O filme mostra o lado violento da vida, para que ela possa existir". Feito à mão no traçado em preto e branco, o curta conta um nascimento duro para uma mãe, que será mais exigida do que de costume.

L (SP, 21min)

De Thais Fujinaga. Um chinês leva a pequena Teté a reavaliar a implicância que ela cultivava em torno dos próprios pés, nesse quinto filme assinado pela diretora.

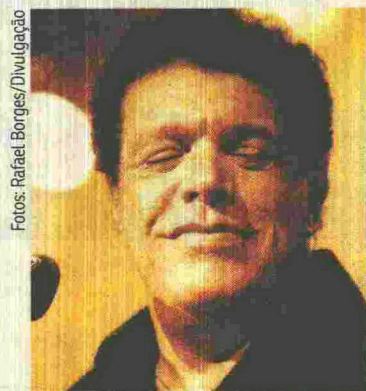


Um pouco de dois (DF, 20min)

De Danielle Araújo e Jackeline Salomão. Ficção e documentário se misturam na fita detida nos misteriosos meandros que unem um casal e é assinada por duas realizadoras nascidas na capital.

"VOCÊ SONHA COM UMA PESSOA, FAZ PROPOSTAS DE AMOR PRA ESSA PESSOA, E DÁ A POUCO A CORRESPONDÊNCIA VEM CONTRÁRIA: 'OLHA, EU QUERO VOCÊ COMO AMIGO'. ISSO É A PIOR COISA QUE TEM"

WANDO, CANTOR



Fotos: Rafael Borges/Divulgação

44º
Festival
de Brasília
do Cinema
Brasileiro



"O AMOR NÃO É UM ENCONTRO DE ORGASMOS, É UM ENCONTRO DE ALMAS. SOU UM HOMEM ROMÂNTICO. SOU UM SER HUMANO ROMÂNTICO"

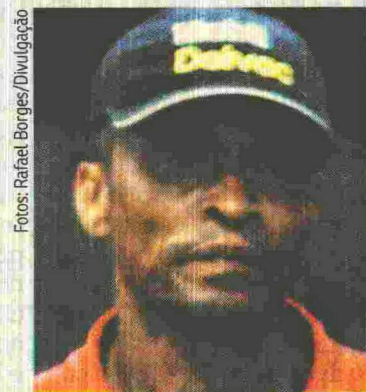
NELSON NED, CANTOR

"MINHA FILHA, EU LI NUM LIVRO QUE A PAIXÃO É A COISA MAIS BREGA DO MUNDO, CONSUME O SER HUMANO"

ROMINHA, ARDOROSA FÃ DE VÁRIOS CANTORES

"QUANDO EU ABRI A PORTA, MINHA ROUPA ESTAVA ASSIM NA SALA, EM UM PAPELÃO E ELA TINHA IDO S'IMBORA COM OUTRO RAPAIZ. AQUILO ALI FOI O MAIOR DESESPERO DA MINHA VIDA"

MAGUILA, FRENTISTA, FÃ DE AMADO BATISTA



Fotos: Rafael Borges/Divulgação

www.correiobraziliense.com.br



Acesse o hotsite do 44º Festival de Brasília, veja galeria de fotos e responda à enquete:

"Você é a favor ou contra o ineditismo no festival?"

Anônimos que vivem histórias narradas em canções de amor são o ponto de partida